

26/09/2018 - 05:00

Gato por lebre

Por **José Eli da Veiga**

Não poderia ter sido mais devastadora a crítica de Helen Lewis ao candidato a terceiro super best-seller global do talentoso Yuval Noah Harari, intitulado "21 lições para o século 21", estampada no The Guardian de 15 de agosto último. Para ela, o autor teria aderido ao clube dos gurus especialistas em tudo e mais um pouco ao se distanciar do segredo que catapultou o primeiro: "Sapiens" (2011). Veredito que poderá levar muitos fãs de Harari a se desinteressarem pelas "lições" derivadas dessa razoável síntese de todo o passado humano, seguida de sofrível exploração futurística em "Homo Deus" (2015).

É muito provável, contudo, que a grande maioria dos leitores do **Valor** desconheça o perfil da autora de tão cáustica demolição. Rápida busca na internet revelará jornalista inglesa bem jovem, escolhida há alguns anos editora-adjunta da revista semanal New Statesman, principal fórum da esquerda britânica, desde 1913. Mais: existe até uma "lei" sobre mídias com seu nome.

O problema é que a precoce periodista não se dá conta da importância de bons comunicadores para a divulgação científica. O raro talento de Harari consiste justamente em criar contos de ninar sobre conhecimentos que a sobriedade, a reserva e a frieza dos pesquisadores quase sempre tornam herméticos.

Harari ignora a Agenda 2030, a iniciativa da ONU que mais poderá impelir as políticas de sustentabilidade

É verdade que excesso de confiança nas vantagens da liberdade poética envolve alto risco de o tiro sair pela culatra. Simpática infidelidade à cultura científica pode fazer com que muitos sejam enganados sem perceberem. Mas se o livro não se resume a tal incorreção, basta que o leitor não se deixe ofuscar pela imensa criatividade do autor e corra atrás de algumas de suas fontes, como já recomendado neste espaço em 27 de abril de 2017.

As novas lições de Harari com certeza vendem gato por lebre ao omitirem o tema desenvolvimento sustentável, sustentabilidade, ou "transição ecológica", como também se diz na Europa. Em vez disso, oferecem precária discussão do que é enfadonhamente chamado de "colapso ecológico", cuja ameaça maior - a mudança climática - desempenharia a mesma função que as duas guerras mundiais, ao disparar o desenvolvimento tecnológico. Ante um "cataclismo climático", as nações "poderiam ficar tentadas a investir suas esperanças em apostas tecnológicas desesperadas" (p. 159).

Se existe tanta propensão inovadora na mudança climática, não se pode desde já prognosticar "colapso" e "cataclismo". Mas perdoe-se a dissonância, pois o que realmente importa é a questão climática ser entendida como um dos principais "problemas globais [que] exigem respostas globais", em exposição recheada de excelentes

críticas ao nacionalismo.

Leitores menos incautos serão levados a consultar algumas das trinta referências bibliográficas recenseadas pela equipe de pesquisadores, infelizmente muito mal aproveitadas pelo autor. Por exemplo, os trabalhos de Elizabeth Kolbert sobre o que chama de "sexta extinção"; os de Will Steffen e Johan Rockström explorando as já célebres "fronteiras planetárias"; ou os de Frank Biermann sobre a governança global da mudança climática. Contribuições desse quilate permitem avaliação bem mais razoável do "desafio ecológico" e dos rumos da "espaçonave Terra", subtítulos da mera dúzia de páginas dedicadas ao assunto (p. 150-163).

O mais deplorável nas 21 lições de Harari, contudo, é solenemente ignorarem a Agenda 2030, seus 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), e a decorrente profusão de indicadores. Entre as iniciativas da ONU, é a que mais poderá impelir os 193 países-membros a adotarem políticas de sustentabilidade.

Se o autor for cético sobre articulações globais do gênero, nada justifica, então, que esconda a existência de agendas bem mais compactas com o mesmo propósito. Por exemplo, as "três medidas para sair do desastre ecológico" lançadas por Claude Henry, hoje professor de desenvolvimento sustentável da escola parisiense 'Sciences Po' e da nova-iorquina Columbia University, que por trinta anos dirigiu o laboratório de econometria da École Polytechnique e coeditou a *Review of Economic Studies* e o *Journal of Public Economics*.

Para ele, a sustentabilidade dependerá essencialmente de épico trevo de iniciativas: a) reformas tributárias similares à adotada pela Suécia, em 1990-1991; b) falência bem planejada das empresas geradoras de energias fósseis e de boa parte das indústrias químicas, todas com ativos superavaliados e passivos subavaliados; e c) intensificação agropecuária com dimensão sintético radicalmente diversa do padrão legitimado no século XX, conforme as recomendações da Royal Society: "Reaping the benefits - Science and the sustainable intensification of global agriculture" (outubro de 2009).

Os pesquisadores que trabalham para Yuval Harari podem nem ter tomado conhecimento da trinca de Claude Henry. É imperdoável, contudo, que tenham levado o autor a desprezar o rico debate dos cientistas políticos internacionalistas sobre a governança mundial do desenvolvimento sustentável.

José Eli da Veiga é professor sênior do IEE/USP (Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo) e autor de Amor à Ciência (Senac, 2017), o mais recente de seus 27 livros. Mantém dois sites: www.zeeli.pro.br e www.sustentaculos.pro.br